

PRETAGOGIA EM DANÇA: RELATOS ACERCA DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Vitória Camargo Bilharva¹
Josiane Gisela Franken Corrêa²

RESUMO

O trabalho refere-se a um relato de experiência sobre o desenvolvimento de um projeto de ensino em Estágio Supervisionado Obrigatório em Dança nos Anos Iniciais, componente curricular do 5º semestre do Curso de Dança - Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas. A experiência ocorreu no segundo semestre de 2024, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Medianeira, totalizando 40 horas, entre atividades de planejamento, ensino e avaliação. O estágio foi realizado com uma turma de 5º ano e teve como objetivo valorizar a diversidade corporal, utilizando metodologias negras para o desenvolvimento da consciência e da expressão corporal dos estudantes. A metodologia do projeto foi baseada na Pretagogia (Petit, 2015), que visa criar espaços educativos pautados na valorização da cultura, história e vivências das populações negras. A Pretagogia propõe uma pedagogia que evidencia conhecimentos ancestrais africanos e afro-brasileiros, promovendo uma aprendizagem que vai além do conteúdo técnico, buscando o desenvolvimento integral e racial de cada pessoa. O trabalho também vai ao encontro do que defende a Lei 10.639 de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira dentro do currículo dos ensinos fundamental e médio na educação básica. É possível considerar a prática docente como estagiária como uma contribuição importante para minha formação acadêmica, revelando os desafios e potências da educação antirracista no ensino de dança. As atividades afro-referenciadas, como cirandas e histórias de resistência, despertaram nos estudantes maior engajamento e diálogos sobre identidade e diversidade. Ajustar as aulas conforme o perfil de cada aluno foi um aprendizado valioso, pois ampliou a percepção de que é necessário estar aberto para “escutar” o ambiente, a fim de aprofundar o compromisso com uma educação que valoriza as pessoas conforme suas diferenças e especificidades.

Palavras-chave: Pretagogia; Ensino de Dança; Educação Básica.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência sobre o desenvolvimento de um projeto de ensino em Estágio Supervisionado Obrigatório em Dança nos Anos Iniciais,

¹ Graduanda do Curso de Dança - Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, camargovitoria19@gmail.com;

² Orientadora. Professora do Curso de Dança - Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, josianefranken@gmail.com.



componente curricular do 5º semestre do Curso de Dança - Licenciatura, da Universidade Federal de Pelotas.

A experiência ocorreu no segundo semestre de 2024, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Medianeira, em Pelotas/RS. Essa escola tem uma estrutura modesta, com cada turma tendo sua própria sala equipada com materiais de uso geral como lápis de cor, quadro branco, folhas de ofício e mais alguns materiais pedagógicos, além de cadeiras, armários, mesas e quadros e também cada sala possui câmeras no canto superior da porta, além das salas de aula a escola possui sala da coordenação, sala dos professores, refeitório, pátio externo e quadra de esportes. Algo que chama a atenção no contexto é que a escola é rodeada por espaços verdes, tendo as crianças a oportunidade de fazer atividades ao ar livre e estar em contato com a natureza. Todavia, é uma região que, quando chove muito, tem pontos de alagamento, o que faz com que os alunos falem às aulas e até mesmo que elas sejam canceladas. O estágio foi realizado com uma turma de 5º ano que tinha 14 estudantes matriculados, porém, pelo motivo anteriormente mencionado, conheci apenas 10 destes estudantes.

O meu projeto de ensino teve como objetivo valorizar a diversidade corporal, utilizando metodologias negras para o desenvolvimento da consciência e da expressão corporal dos estudantes. A metodologia do projeto de ensino do estágio foi baseada na Pretagogia (Petit, 2015), que visa criar espaços educativos pautados na valorização da cultura, história e vivências das populações negras.

A motivação para desenvolver um estágio tendo por base a Pretagogia tem raízes na minha infância. A escassez de figuras negras ao longo do meu percurso educacional gerou em mim uma sensação de frustração que, até hoje, reverbera na minha vida adulta frente às questões sociais que enfrento. Logo, como uma estudante de um curso de licenciatura, retomei minhas vivências para buscar proporcionar às crianças participantes do meu estágio, uma experiência discente diferente da que eu tive no ambiente escolar.

Assim, o objetivo desta pesquisa é compartilhar como foi organizada a experiência de estágio, seu desenvolvimento e minhas descobertas enquanto estagiária. Para isso, trago reflexões oriundas do Projeto de Ensino e do Relatório de Estágio, dois documentos elaborados ao longo da disciplina de Estágio. Tenho também, como base teórica, o estudo de autores como Petit (2005), Munanga (2005), Pires e Neto (2021), entre outros.

METODOLOGIA



A pesquisa tem cunho qualitativo, tratando-se de um relato de experiência, que “é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção” (Mussi, Flores, Almeida, 2021, p. 65).

Desse modo, a ideia é narrar acerca do desenvolvimento do estágio, relatar o contexto em que aconteceu, as fontes teóricas estudadas, as sensações e descobertas docentes, entre outras impressões pessoais e autobiográficas ocorridas na experiência.

REFERENCIAL TEÓRICO

As teorias estudadas para a elaboração e desenvolvimento do estágio em questão foram articulados de forma a promover uma prática pedagógica que valorizasse a cultura negra e suas expressões, especialmente no ensino da dança e na conscientização corporal dos alunos.

A noção de “Pretagogia”, criado por Petit (2005), é uma pedagogia que foca nos conhecimentos e experiências afro referenciadas, com o objetivo de ressignificar práticas educativas tradicionalmente etnocêntricas. A Pretagogia é uma pedagogia decolonial, uma pedagogia que valoriza o corpo negro como espaço de resistência e faz uso de expressões culturais como a dança e a música com o intuito de potencializar a autoestima e a identidade dos alunos.

Na dança, Pretagogia convida à valorização da ancestralidade africana e de suas manifestações corporais como forma de resgatar a história, a cultura e a contribuição do povo africano para a formação da identidade brasileira. Esta abordagem transforma o corpo num veículo de aprendizagem onde o movimento não é apenas técnico, mas também expressivo e reflexivo. Através da dança, os alunos são incentivados a considerar suas origens, questionar o racismo estrutural e fortalecer a construção de uma consciência crítica sobre a negritude.

Kabengele Munanga, em suas reflexões sobre a “identidade negra” e o racismo, oferece uma perspectiva essencial para compreender a importância de uma educação que enfrente as desigualdades raciais e culturais. O racismo, entendido como opressão estrutural, mantém os corpos e as culturas dos negros em situação de marginalização e, conseqüentemente, interfere diretamente na forma como esses sujeitos se veem e são vistos na sociedade.



Ao explorar a noção de ideia-corpo Ginga, que tem relação com a “emergência de um estado de presença no processo pedagógico que põe a corporeidade docente” negra em diálogo com a negritude dos estudantes, Pires e Neto (2021, p. 118) colocam que

Consideramos a inserção real da ideia-corpo Ginga como uma urgência para alcançar um estado de presença em processos artístico-pedagógicos contra coloniais, que põem a corporeidade docente e discente em jogo com as cosmopercepções negras, africanas e da diáspora, através de memórias e indignações que já ocupam e conseqüentemente transformam a educação desde a prática corporal descentrada do logocentrismo europeu.

No contexto da educação, Munanga (2005) defende que é fundamental considerar e integrar as contribuições culturais e históricas dos povos africanos e afro-brasileiros nas práticas pedagógicas. Este reconhecimento é um passo importante para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva e antirracista, que valoriza a pluralidade étnico-racial e desconstrua as narrativas eurocêntricas que ainda predominam nos currículos escolares. A dança, nesse sentido, atua como um poderoso instrumento para expressar essas identidades e narrativas, permitindo que os estudantes se reconectem com suas raízes e desconstruam estereótipos.

A prática de estágio também buscou estar alinhada à Lei 10.639 de 2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira em todas as escolas brasileiras, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Para Videira e Nunes (2012, p. 11),

A aplicabilidade da Lei n. 10.639/03 nas escolas também pode ser efetivada por meio das danças afros na escola, que precisam ser entendidas pela comunidade educacional, como um tipo de documento que permitirá a educadores e educandos o acesso a informações relevantes para o autoconhecimento e autovalorização de nossos ancestrais africanos e afrodescendentes e, por conseguinte, de nós mesmos.

Já, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) apresenta diretrizes que valorizam a diversidade cultural e a expressão corporal, especialmente a habilidade (EF15AR08), que destaca a importância de participar de atividades de dança que valorizem a diversidade cultural, evidenciando a prática de experimentar distintas formas de manifestações de dança presentes em diferentes contextos; a habilidade (EF15AR11), que se refere ao reconhecimento e exploração da própria capacidade de expressão e consciência corporal; e a habilidade (EF15AR12), que fala sobre discutir, com respeito e sem preconceito, sobre experiências pessoais coletivas em dança vivenciadas na escola de educação básica (Brasil, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Como mulher negra, a entrada na universidade foi desafiadora para mim, pois muitas vezes não me reconheci e não me reconheço nesse espaço em que estou inserida. Ao falar sobre isso, Pires e Neto (2021, p. 108-109) colocam que:

Nas graduações em dança, há uma grande supressão de epistemologias e práticas negras e indígenas, de modo que discentes marcados pelas vivências em territórios de aquilombamento denunciam exaustivamente as dificuldades para a adaptação nesse espaço em vista de não se sentir representados na cor dos (corpos) docentes, bem como na cor dos referenciais bibliográficos previstos nas ementas. Nesse cenário, pesquisadores(as) negros(as) e não negros(as) sensíveis à causa protagonizam na academia importantes discussões políticas sobre a relevância dos saberes negros, africanos e afro-brasileiros, bem como dos saberes indígenas na formação educacional em todos os níveis da educação. (Pires e Neto, 2021, p. 108-109)

Nesse sentido, ao perceber essa falta, decidi me dedicar a pesquisar práticas pedagógicas e referências negras, estabelecer parcerias com colegas e professores da universidade que pudessem me auxiliar e então, desenvolver o meu projeto de estágio com esta perspectiva.

A partir do que pude vivenciar no Curso de Dança - Licenciatura da UFPel, compreendi que a dança no ambiente escolar transcende a simples ideia de tocar uma música e fazer os alunos dançar. Com as minhas memórias e os estudos que tenho feito mais recentemente, percebi que a presença docente negra na escola pode ter um viés político e significar uma abordagem antirracista ao oportunizar o sentimento de pertença aos estudantes negros, caso a professora puder colocar em evidência a sua própria corporeidade. Para Dos Anjos e Purificação (2020, p. 2) “Os atores educacionais são sujeitos fundamentais na implementação de políticas públicas para a educação e na luta pela conquista de uma escola democrática e de qualidade”.

Por isso, ao elaborar o meu projeto de estágio, elegi como objetivo geral valorizar a diversidade corporal, utilizando metodologias negras para o desenvolvimento da consciência e da expressão corporal dos estudantes. Também, como objetivos específicos, escolhi apresentar elementos culturais afro-brasileiros e/ou africanos, para que pudessem ser usados em atividades de consciência e experimentação corporal; incorporar atividades que permitissem às crianças refletirem sobre a importância cultural dos movimentos que estavam aprendendo; e analisar como a inserção das metodologias negras nas atividades lecionadas influenciaram na consciência corporal e na expressão criativa dos alunos.

Tendo como inspiração metodológica a “Pretagogia” (Petit, 2005), desenvolvi atividades afro-referenciadas, como cirandas e contação de histórias de resistência,



procurando criar um ambiente seguro para discussões sobre questões raciais, racismo e resistência cultural, algo que despertou nos alunos engajamento e diálogos sobre identidade e diversidade. Também, foram realizadas atividades de improvisação, que buscavam instigar os participantes a expressarem suas narrativas pessoais e coletivas por meio do movimento.

Conforme o meu planejamento, eu costumava iniciar a aula solicitando a organização da sala, pois era preciso afastar as classes para termos espaço para dançar. Após isso, era realizada uma ciranda ou alguma atividade com música (Fig. 1), depois sentávamos em roda e era lida uma história afro referenciada e, por último, eu procurava desenvolver uma atividade de criação em dança referente à história que havia sido contada.



Fig. 1 - Atividade de ciranda realizada com as crianças durante o Estágio. Fotografia: Josiane Franken Corrêa.

Uma das atividades que teve repercussão positiva na turma de forma geral foi uma adaptação que fiz da brincadeira de origem africana *Si mama kaa*, que é realizada em roda e contém uma música que, em sua letra, indica a movimentação que os participantes devem fazer. Tive acesso a essa brincadeira por meio de pesquisa na internet³ e fiz as adaptações em sala de aula conforme julguei necessário.

Ajustar as aulas conforme o perfil da turma foi um aprendizado valioso, pois percebi que isso fortaleceu o meu vínculo com os estudantes. Adaptar as atividades envolve o ajuste da linguagem e os exemplos utilizados conforme o repertório dos alunos; a alteração do ritmo da aula, quando é necessário acelerar o desacelerar alguma atividade; a escolha do tipo de

³ Disponível em: <https://cadeomanualblog.wordpress.com/2016/07/01/brincadeira-musical-si-mama-kaa-tanzania/>. Acesso em 09 mar. 2025.



atividade proposta e o nível de exigência, de acordo com o que o grupo consegue desenvolver e explorar naquele momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível considerar, ao tecer este relato de experiência, que o desenvolvimento do meu Estágio Supervisionado Obrigatório em Dança nos Anos Iniciais, realizado no 5º semestre do Curso de Dança - Licenciatura, na UFPel, que ao realizar esta prática docente pautada na Pretagogia (Petit, 2005), adotei uma perspectiva crítica e decolonial, onde o corpo foi o protagonista do aprendizado, e havia um incentivo para a criação de novos gestos e significados por meio de práticas que remetiam às tradições afrodescendentes.

Acredito que isso também permitiu que os participantes desenvolvessem uma consciência corporal enraizada em suas histórias e experiências, o que pode ter promovido, mesmo de modo inicial, empoderamento e autoconhecimento.

Encerrando o estágio, reconheci que a experiência foi transformadora, não apenas no desenvolvimento de meus conhecimentos docentes, mas também no aprofundamento do meu compromisso com uma educação que valoriza as identidades negras e promove a equidade. Apesar de ser uma vivência rápida, com essa experiência confirmei meu desejo em contribuir, de forma ativa, para a construção de uma escola mais justa, diversa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei N ° 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10/01/ 2003. Altera a Lei nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

DOS ANJOS, Elaine Cristina Barbosa; PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo. O ensino da história e cultura afro-brasileira: desafios na formação docente. **Revista Científica Novas Configurações–Diálogos Plurais**, v. 1, n. 3, p. 31-38, 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.



PETIT, S. H. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afro ancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores. Contribuições do legado africano para a implementação da Lei no 10.639/03.** Fortaleza: UECE, 2015.

PIRES, Karen Tolentino de; NETO, Manoel Gildo Alves. **GINGA: uma ideia-corpo contracolonial estratégica para descolonizar a educação.** In: CORRÊA, Josiane Gisela Franken; ALLEMAND, Débora Souto. *Dança na escola: pedagogias possíveis de sôras para profes.* São Leopoldo: Oikos, 2021.

VIDEIRA, Piedade Lino; NUNES, Cicera. *Dança afro: teoria, prática e novas perspectivas no cotidiano escolar.* In: Congresso Nacional Da Federação De Arte/Educadores Do Brasil, 12., 29 out.-02 nov. 2012., São Paulo (SP). **Anais do Congresso Nacional Da Federação De Arte/Educadores Do Brasil..** São Paulo (SP):UNESP, 2012.

